

SOBRE A URGÊNCIA DE LÍDERES EDUCADORES EM TEMPOS DE DESENCANTO

CF(T) Erica Barreto Nobre

APRESENTAÇÃO

A perplexidade toma conta dos responsáveis pela formação e gerenciamento de recursos humanos nas Forças Armadas. Do recrutamento e seleção para ingresso às opções de carreira, passando pelas diversas etapas da formação, os profissionais do século XXI parecem distanciar-se cada vez mais dos ideais abnegados da profissão das armas. Qual é o perfil da geração contemporânea de profissionais? Quais são seus valores e objetivos? “DINHEIRO” parece ser a única palavra de ordem, a causa e a solução de todos os males, o caminho dileto para a felicidade. Será?

INTRODUÇÃO

Na era do “consumo, logo existo”, na qual a lógica do capitalismo neoliberal engendra a ideologia vigente e permeia valores e relações, nasce o homem pós-moderno: materialista, refém da ditadura do prazer e da liberdade incondicional, polimorfo e amorfo. Gilles Lipovetsky, filósofo francês, afirma que “O grande problema atual é a fragilização dos indivíduos – suicídio, ansiedade, depressão, medo dos desastres ecológicos, medo da Aids, medo de envelhecer, medo do desemprego; a modernidade tinha confiança no futuro; agora temos a dúvida.” (Folha de São Paulo – 14/03/04). Se, por um lado, a nova geração de profissionais prima pela flexibilidade, é multifuncional, conectada, informada e transita com desembaraço entre tecnologias diversas; por outro lado, “surge a primeira geração sem culpa, despolitizada de compromissos, repleta de jovens céticos, insatisfeitos. Geração de reduzida capacidade de maravilhar-se, entusiasmar-se, comprometer-se. Uma geração desencantada.” (Jornal O DIA – 06/2007).

Após esta breve contextualização introdutória, pretende-se desenvolver o tema proposto em cinco tópicos, buscando refletir sobre as possíveis causas e soluções para uma crise de sentido e de paixão que parece vitimar nossa sociedade e que muito inquieta aqueles que compartilham a missão de orientar e educar as novas gerações. O primeiro tópico, “A ditadura do

O professor medíocre diz.

O bom professor explica.

O professor superior demonstra.

O verdadeiro professor INSPIRA”

(autor desconhecido)

Líderes e professores inspiram...

prazer”, trata da questão da conquista da maturidade e do percurso psicológico constitutivo do ser humano como tal, que evolui do puro princípio do prazer para a complementaridade do princípio da realidade. No tópico “A falência do princípio de autoridade”, discute-se a importância dos limites na educação e na formação do caráter e o esvaziamento dos papéis de autoridade que se propaga em todos os segmentos da sociedade, começando pela família. O terceiro subtítulo “Quando a autoridade também emana do afeto” trata do inevitável entrelaçamento e comprometimento de vidas e de afetos na relação entre pessoas. Ninguém sai incólume de uma relação interpessoal e não existe outra forma de viver que não seja intensamente. Líderes e educadores transcendem a virtualidade internautica e estão disponíveis para se relacionarem face a face e olho no olho com o outro. A autoridade que é exercida com base no afeto é a única que verdadeiramente educa, promovendo interiorização de valores e mudança de atitudes, e não meramente de comportamentos. No quarto tópico, “A felicidade reduzida a cifras”, questiona-se o mito do dinheiro como única ou principal fonte de motivação e de satisfação, especialmente no âmbito profissional. Finalmente, na quinta parte, “Por um sentido na vida”, que conclui este artigo, discute-se a premência de dar um sentido maior à existência, de ter um projeto de vida e o papel dos líderes educadores nesta empreitada de inspiração e resgate do encantamento.

A DITADURA DO PRAZER

A manchete da Revista do Jornal O Globo é: “Geração Analgésico – Psicanalistas dizem que os jovens revelam crescente intolerância à dor e à frustração, desafiando professores e pais”

(26/06/05). Em outra manchete pode-se ler: *“Falsa felicidade – banalização da depressão gera uso indevido de medicamentos – felicidade em pílulas”* (2004). Nossa sociedade passou a ter menos tolerância à dor, tanto física quanto emocional e a buscar compulsivamente o prazer individual, imediatista e descartável. O psicólogo americano Steven Hayes alerta: *“Não fuja da dor”*...felicidade demais é que não é normal. *“Asartimanhas que usamos para escapar da aflição nos desviam de nossos objetivos de vida. E é por eles que vale a pena viver.”* (revista Veja – 03/2006). Seja qual for a abordagem psicológica que se eleja, é inescapável concluir que simplesmente não há possibilidade de amadurecimento psicológico sem algum tipo de sofrimento. Não há crescimento sem frustração e dor.

Pretende-se desenvolver este ponto de vista a partir da abordagem psicanalítica. Sigmund Freud, tão freqüente e, indevidamente, acusado pelos males da permissividade na educação, na verdade, afirma que: *“A civilização começa com a repressão”* (O Mal-Estar na Civilização, 1930), já que somos regidos inconscientemente pelo princípio do prazer, que é limitado pelo princípio da realidade. E a realidade está no outro, está no social, na vida dos indivíduos em grupo com suas normas e sanções. A teoria freudiana mostra-nos que a civilização é incompatível com as pulsões e com o princípio de prazer. Para que os seres humanos vivam em sociedade, devem submeter-se a restrições tanto em relação à sexualidade quanto às tendências agressivas. É necessário que haja repressão para que os impulsos animais convertam-se em impulsos humanos e é através de uma transformação fundamental de sua natureza que o homem animal converte-se em ser humano. Ele deve aprender a renunciar ao prazer momentâneo, fugaz, incerto, substituindo-o por um prazer adiado, mais sofisticado e elaborado e socialmente aceitável. A sublimação, o mais maduro dos mecanismos de defesa do ego, consistiria justamente na gratificação de um impulso, cuja finalidade de prazer é preservada, mas o objeto é convertido em socialmente valorizado. Ela permite que as pulsões sejam canalizadas, ao invés de simplesmente represadas. Se por um lado há uma insuperável tensão entre indivíduo e sociedade, o mal-estar, a que se refere Freud, por outro lado, toda a civilização, com sua produção tecnológica, científica, artística e cultural, depende da capacidade, exclusivamente humana, de adiar a satisfação e de aprender a obter satisfações substitutivas. O ser humano, portanto, por ser um animal social, que vive em coletividade e necessita de

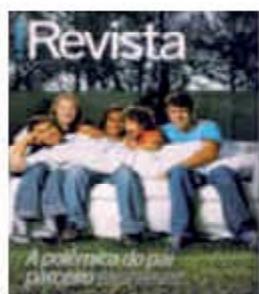
seus congêneres para sobreviver, não se pode instalar nessa espécie de nirvana, que é o princípio de prazer. O processo de socialização implica frustrações graduais, impostas pela educação, que se inicia na família e se amplia na escola, devendo conduzir o indivíduo ao princípio da realidade, à capacidade de sublimação e à força de ego. Se prevalece a permissividade, o indivíduo pode tornar-se desde imaturo e frágil até sociopata. Por outro lado, se a educação é excessivamente repressora, o indivíduo pode tornar-se neurótico, limitado em sua criatividade, produtividade e capacidade de amar. Princípio do prazer e princípio da realidade, embora antagônicos, caminham juntos, emparelhados, um só se reconhece no outro e vice-versa. Portanto, como prega o Budismo, o melhor caminho é o caminho do meio. Mas a medida certa em educação é difícil de se encontrar, até porque varia, conforme o indivíduo. Na época em que Freud criou a Psicanálise, a educação em geral pecava pelo excesso de rigidez e severidade e o mal do século era a neurose; no século XXI, pecamos pelo excesso de benevolência. O produto das tendências educacionais que prevalecem na atualidade é a imaturidade - a incapacidade para suportar sofrimento, superar obstáculos, contornar dificuldades, criar alternativas e persistir em objetivos almejados. Falta “endurance”! Afinal, *“disciplina é a ponte que liga nossos sonhos às nossas realizações”* (Pat Tillman).

A FALÊNCIA DO PRINCÍPIO DE AUTORIDADE

O que estaria acontecendo com a família, “célula máter da sociedade”? Educar é exercício árduo de paciência e abnegação. É “investimento” de risco a fundo perdido. Mas, em tempos de Pós-Modernidade, todos anseiam por liberdade incondicional e auto-satisfação. A equação da educação das novas gerações, portanto, não fecha, parece não ter mais uma solução possível ou suficientemente satisfatória. Os papéis de autoridade e de referência estão estigmatizados. São “lugares” que todos se esquivam de ocupar, confundindo autoridade com autoritarismo, e omissão e permissividade com liberalidade e diálogo. Ambos os pais desejam ser belos e jovens para sempre e estão no mercado de consumo e de trabalho, competindo por dinheiro e projeção. A tarefa de educar e de transmitir valores tende a ser delegada pelos pais para a escola. Mas as escolas, especialmente as particulares, muitas vezes funcionam como empresas, tratando o aluno como um cliente a quem se deve apenas agradecer. Cliente contrariado dá trabalho para os pais, que reclamam



PAIS AUSENTES
*Pesquisa diz que a maior
queixa dos filhos é
negligência dos pais.*



**A POLÊMICA DO PAI
PARCEIRO**
*Especialistas alertam que
a amizade entre pais e
filhos deve ter limites.*



**MÃE QUE PARECE
IRMÃ**
*Educadores e
psicanalistas discutem os
prós e contras de
comportamentos que
eliminam a diferença
entre as gerações.*



**PROFESSORES SOB
PRESSÃO**
*Pesquisa nacional
mostra que educadores
não são respeitados
nas escolas.*

com a escola e que podem escolher outra escola concorrente no mercado. A escola deve evitar a todo custo evasão de capital; portanto, professores que pretendam exercer autoridade e dar limites aos seus alunos podem não receber o devido respaldo da administração da escola. A mensagem implícita é “o cliente (aluno) tem sempre razão”.

O ser humano nasce extremamente dependente, a criança pequena não tem sequer consciência de si própria como indivíduo. A personalidade humana só se constitui em relação a um “outro”, inicialmente a mãe e o pai e, posteriormente, outras figuras adultas significativas. Pais e professores devem ser próximos e disponíveis, mas não podem ter status de “coleguinhas”. Esta é uma falácia nociva. Amigos se elegem ou se excluem, pais e professores, não. Amigos são expectadores interessados. Educadores têm poder e responsabilidade sobre o destino dos jovens que estão sob sua guarda, têm obrigação de tomar atitudes cerceadoras, quando avaliam que o comportamento dos filhos ou dos alunos implica riscos para a integridade física e psicológica deles próprios ou de outros. Nem sempre acertam em suas avaliações, mas estar presente tomando estas decisões e exercendo este papel será sempre o menor dos erros, passível de ser cometido pelo adulto, em seu exercício como educador. A liberdade ilimitada, que os jovens tanto exigem e alardeiam, tende a ser vivenciada, na verdade, de forma extremamente ameaçadora, quando é experimentada na plenitude de sua devastadora desproteção e solidão. O limite dado por quem cuida, simultaneamente firme e terno, é continente, apaziguador e necessário para a constituição de uma personalidade saudável. A falta de referências na educação, típica da contemporaneidade, vem sendo identificada como uma

das possíveis causas do aumento de um tipo de transtorno de personalidade denominado *borderline*. Este se caracteriza pela ausência do desenvolvimento de um sentido claro de identidade e pela instabilidade geral de relacionamentos, afetos e impulsos. As alternativas às lacunas familiares são escassas, já que a busca dos jovens por modelos de identificação e referências também não encontra eco, nem nas instituições, cada vez mais desacreditadas, nem na política, onde grassa o oportunismo, a notória falta de ética e a impunidade. A sociedade como um todo carece de lideranças positivas e de figuras legítimas de autoridade. A filósofa Hanna Arendt (1906-1975), ao discorrer sobre a questão da autoridade, afirma:

“Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente confundida como alguma forma de poder ou violência. Onde a força é usada, a autoridade em si fracassou. A autoridade se define em contraposição tanto à coerção pela força como à persuasão através do argumento. A relação de autoridade entre o que manda e o que obedece não se assenta nem na razão comum nem no poder de coerção ou recompensa do que manda; o que eles possuem em comum é a própria hierarquia, cujo direito e legitimidade ambos reconhecem e na qual ambos têm seu lugar estável predeterminado.”

Na atualidade, é a legitimidade do princípio da autoridade que se encontra ameaçada. Defrontamo-nos dia a dia com o corolário de conseqüências desse processo degenerativo, que se imiscui na sociedade. Há um constrangimento tácito associado à existência da hierarquia e ao necessário exercício da autoridade. A recente notícia do roubo seguido de espancamento de uma empregada doméstica, consumado por um grupo de cinco jovens universitários de classe média alta,

evidencia a urgência do resgate dos limites na educação. Neste lamentável episódio de violência, o contraste entre o depoimento do pai da vítima, um simples pedreiro, e o do pai de um dos agressores, empresário, convida à reflexão. Este último afirmou que a sociedade não podia culpar as famílias ou os pais pelo ocorrido, e que os agressores eram apenas “crianças”, que estudavam, e que não podiam ser presas. O outro pai declarou: *“Sinto um pouco de pena deles (os agressores) pela falta de estrutura (...). Eles precisam de tratamento, que os pais olhem para ver se estão dando atenção a eles. Sou pai de quatro filhos, íntegro e trabalhador. Não pude dar uma bicicleta aos meus filhos, mas dei limites.”* Diante da pungência desta declaração, que dispensa comentários, concita-se os educadores a exercerem, ética e responsabilmente, mas sem pudores, a sua autoridade.

QUANDO A AUTORIDADE TAMBÉM EMANA DO AFETO

Falou-se da necessidade do educador saber dizer “NÃO”, dar limites e exercer autoridade e da importância do princípio da realidade. Seria então o ato de educar um mero exercício frio de poder, visando a subjugação de desejos? Seria um calvário espinhoso para os mestres e, mais ainda, para os jovens aprendizes? O que poderia viabilizar este processo? A única resposta que se visualiza para esta questão resume-se em uma palavra: **afeto**. Somente o genuíno interesse e respeito pelo desenvolvimento de outro ser, em toda a sua singularidade, nos autoriza a exercer influência sobre ele e a tomar decisões que afetem a sua vida. Falar de afetividade no âmbito militar envolve um certo tabu. O tema em si parece para muitos piegas e lugar comum, mas o óbvio às vezes precisa ser dito e repetido: a única motivação confiável para tomar decisões difíceis em questões de educação é o amor. Analisando-se a questão sob a perspectiva do sucesso do processo de influência do educando, pode-se afirmar, também, que a base de poder social da referência (French & Raven, 1969), associada à qualidade do relacionamento, à admiração pelo agente influenciador e à identificação com ele, seria aquela que enseja mudanças de atitude mais profundas. Juntamente com a base de poder social da competência, a referência possibilita a interiorização de crenças e de valores. O educador Celso Antunes (2005) afirma que o que mais ajuda a aprender é a empatia transmitida pelos professores. A conquista de uma classe se faz pela emoção e afeto, externando, junto com as palavras e conteúdos, nossa alegria em ensinar e nosso entusiasmo em perceber nossos alunos se transformando no que

de melhor eles se podem tornar. Educadores e líderes são capazes de amar indiscriminadamente todo ser humano, ainda que com lucidez e veemência reprovem determinadas condutas e comportamentos. Sentem empatia e solidariedade por sua humanidade básica e comum. Compartilham a crença de que: *“Sou humano, e nada do que é humano me é estranho”* (Menandro, Atenas, 342 – 292 a.C.). Citando mais uma vez Celso Antunes: educar *“requer que se tenha sobre cada etapa, cada dia, cada descoberta, cada aventura, um ouvido pleno de empatia, um olhar carregado de paixão, uma ajuda sem pressa, marcada pela serenidade da ternura.”*

A FELICIDADE REDUZIDA A CIFRÕES

Ser rico é o desejo de 75% das crianças americanas, segundo levantamento da Professora Juliete Schor no livro *“Born to Buy”*. Reproduzindo valores da cultura hegemônica, pesquisa aponta que a maioria dos brasileiros considera que sucesso pessoal está ligado à melhoria econômica (Jornal Valor – junho 2007). Para que se possa elucidar melhor a abrangência e penetração dessa ideologia, também aqui, na Escola Naval, ao se constituir, no corrente ano, um grupo de trabalho para estudar atratividade da carreira naval, a questão da remuneração financeira ocupou grande parte das discussões, tanto no que se refere às causas quanto no que diz respeito às soluções. Ora, não se pretende ingenuamente negar a importância do aspecto financeiro e o direito a um salário digno, mas tão somente promover uma reflexão sobre a supervalorização do dinheiro como receita de felicidade, evidenciar a ideologia subjacente às práticas que transformam, todos os dias, necessidades supérfluas em básicas, alimentando a engrenagem do consumismo desenfreado e estéril. Contrariando a mentalidade vigente, o psicólogo Frederick Herzberg (1923 – 2000) demonstrou, através de sua teoria, que o salário, bem como outros fatores meramente “higiênicos” do trabalho, quando degradados, podem provocar profunda insatisfação no trabalhador e até rebeliões; contudo, se adequadamente atendidos, conduzem o indivíduo da insatisfação apenas à neutralidade. Herzberg propõe que outra ordem de incentivos seria mais eficaz para gratificar e verdadeiramente trazer felicidade e realização ao trabalhador; por exemplo, a possibilidade de utilizar plenamente seu potencial, de criar e inovar, a autonomia de decisão, a percepção do sentido e importância do trabalho e o reconhecimento. Buscando exemplos práticos da teoria mencionada, pode-se citar, na área

militar, a experiência do Capitão-de-Mar-e-Guerra Michael Abrashoff, no comando do navio de guerra americano USS Benfold, que relata, em seu livro “Este Barco Também É Seu” (2006), que a taxa de realistamento de praças, após um ano de práticas inovadoras de administração e liderança, saltou de 28% para 100% de retenção de pessoal. Na área esportiva, o caso recente do técnico de futebol do Botafogo também faz pensar. As manchetes de jornal (LANCE! - junho 2007) destacam: “*Cuca recusa proposta milionária do futebol árabe e segue no Fogão. O glorioso emociona quem trabalha lá.*” Juninho, capitão do time, também abriu mão de proposta financeiramente mais vantajosa para permanecer no Botafogo. Cuca afirma que prefere lutar pelo campeonato brasileiro. Túlio quer terminar a carreira atuando pelo Botafogo. Outros jogadores do time mencionam a identificação e o carinho entre time e torcida. A alegria e o entusiasmo transbordam nesse time, que não parece privilegiar cifrões à custa de ideais.

POR UM SENTIDO NA VIDA

Em resumo, nos primórdios deste terceiro milênio parecemos viver sob a égide de uma lógica perversa: por um lado, uma criação permissiva e paternalista que cultiva a imaturidade; por outro, um mercado de trabalho padrao, selvagemmente competitivo, que reifica e descartabiliza o ser humano, reservando a poucos o privilégio do consumo de bens sofisticados e da ostentação – única forma de auto-afirmação no mundo, passível de ser reconhecida, no âmbito de uma hierarquia de valores que privilegia o materialismo. Diante da frustração vivenciada pela imensa maioria, que está fadada a não conseguir nem “ser”, nem “ter”, sem recursos e sem força de ego para empreender e fazer acontecer, muitos enveredam pelo caminho da fantasia e da ficção ou...da virtualidade compulsiva. Programas de computador como “The Sims” e, a última novidade, “Second Life” permitem que o indivíduo recrie magicamente a realidade a seu bel-prazer. Neste último, é possível se recriar através de um “avatar”, escolhendo sua aparência física, mantendo relações de amizade e de amor, efetuando transações financeiras através de uma moeda virtual, esta sim comprada com seu cartão de crédito, a única realidade concreta da “brincadeira”. Como romper este círculo vicioso de nonsense e de desencanto? Segundo Viktor Frankl (1905-1997), psicoterapeuta de influência existencialista, o esforço para encontrar um sentido para a vida é a força motivacional fundamental no homem. Se não é possível encontrar fora de si, no mundo, um sentido pronto e definitivo, é preciso estar sempre construindo um

sentido novo para a própria vida. Nesta empreitada de escolha de um projeto de vida e de atribuição de sentido à existência, nada mais profícuo do que poder contar com mentores. Líderes educadores ou educadores líderes, íntegros, automotivados, maduros e focados em auto-realização despertam nos demais a imagem daquilo que eles poderiam ter sido ou que podem ainda, talvez, vir a ser. Tais personalidades transmitem razões de esperança no mundo em geral e uma fé mais profunda no futuro e na humanidade. Para resgatar os legítimos ideais de bem comum e abnegação da profissão militar, necessitamos urgentemente de líderes com perfil de educadores, nos navios, nas OM de terra e, mais do que nunca, nos Órgãos de Formação, como a Escola Naval. Líderes selecionados e treinados para tal fim, que, além de competência técnico-administrativa e de capacidade de comando, vibrem com a idéia de serem mentores e detenham competências de inteligência emocional, tais como: autoconhecimento, autocontrole emocional, automotivação, empatia e habilidade de relacionamento pessoal (D. Goleman, 1995). Aqueles que funcionam como agentes multiplicadores, junto aos jovens em formação, devem ser francos e verdadeiros, mas não pessimistas. Ceticismo, cinismo e amargura são a antítese do educador. É preciso gostar de estar com gente, de resolver problemas humanos. É preciso saber estabelecer prioridades, distinguindo, dentre tantas atribuições urgentes, aquela que é realmente a atribuição mais importante: acompanhar e orientar os aspirantes no percurso de sua formação como homens, como cidadãos e como Oficiais da Marinha do Brasil, se for esta a sua verdadeira vocação.

Bibliografia

1. ABRASHOFF, Michael . *Este Barco Também É Seu* . São Paulo: Cultrix, 2006
2. ANTUNES, Celso . *Relações interpessoais e auto-estima: a sala de aula como um espaço do crescimento integral* . Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
3. GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional* . Rio de Janeiro : Objetiva, 1995.
4. LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. Santos: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1970.
5. FRENCH, John R. P. & RAVEN, Bertram. *As Bases do Poder Social*. In: CARTWRIGHT, Dorwin & ZANDER, Alvin (org.). *Dinâmica de Grupo: Teoria e Pesquisa*. São Paulo: Editora Herder, cap. 32, 1969.
6. PENNA, Antônio Gomes . *Introdução à Psicologia Política* . Rio Janeiro: Imago Ed.: 1995.